O GLOBO

JORNAL DA FAMÍLIA

DOMINGO, 17 DE NOVEMBRO DE 1996

Shere Hite: *O que representa o sexo para as mulheres?* • 2

Pragas: *Como se livrar de pulgas, baratas, formigas e cupins* • 4 e 5

Médicos debatem principais riscos dos adoçantes

Especialistas brasileiros analisam nova pesquisa sobre o aspartame

Leneide Duarte

Depois da polêmica da sacarina e do ciclamato, chegou a vez do aspartame ir para o banco dos réus. Na semana passada, as agências de notícias divulgaram a pesquisa de John Olney, professor de psiquiatria da Universidade de Washington, nos EUA, que concluiu que a disseminação do aspartame no meio da década passada coincidiu com o aumento da incidência dos casos de tumores cerebrais, que passaram de 48 casos em um milhão, em 1970, para 53 casos em um milhão, em 1980.

— O aspartame não foi implicado como carcinogênico em estudos experimentais, mesmo em altas doses utilizadas por seres humanos. Os dados epidemiológicos disponíveis sobre a substância são limitados e carecem de um estudo mais profundo, já que sua aprovação é relativamente recente — afirma o Miguel Lemos Neto, professor adjunto de farmacologia da Uerj.

O médico Luiz César Póvoa, professor titular de endocrinologia da PUC e da UFRJ, também tranqüiliza os consumidores desse adoçante artificial.

— A Sociedade de Endocrinologia Americana não fez nenhuma advertência a seus membros a esse respeito. O estudo deve ser muito recente e não há ainda estabelecida por nenhuma sociedade médica — diz.

Segundo os médicos, nenhum açúcar pode ser consumido sem limites. Póvoa diz que a proibição do ciclamato nos Estados Unidos até hoje, por suspeita de ser cancerígeno é meramente mercadológica. Ele garante que não há risco se essa substância for consumida dentro dos limites propostos pelo fabricante.

A sacarina já foi acusada de causar câncer na bexiga e quase foi proibida, em 1977, nos Estados Unidos. *Continua na página 3*

Mulheres emitem sinais de que podem mutilar?

Especialistas analisam agressão ao pênis como desequilíbrio paranóico

Leneide Duarte

Um homem recebe sinais de que sua namorada ou mulher pode vir a agredi-lo a ponto de cortar-lhe o pênis?

Carlos Eduardo Goulart Brito, psicoterapeuta e diretor do Instituto de Psicoterapia do Rio de Janeiro acha que sim.

— Essa moça de Vitória que mutilou o namorado já devia ter dado sinais de ciúmes excessivos, respostas de destemperamento emocional a pequenas frustrações e temperamento paranóico. Ela já devia ter demonstrado uma insegurança muito forte e uma personalidade obsessiva — diz ele, para quem uma pessoa com essas características já representa um risco.

O psicoterapeuta conta que, ao participar de um programa de rádio que discutiu o caso da moça que cortou o pênis do namorado muitas ouvintes convidadas a opinar disseram apoiar o ato da menina. Algumas chegaram a afirmar que "homem que trai merece isso" e uma contou que a irmã cortou a orelha do cunhado, ao confirmar sua infidelidade.

— A maioria de nós não sai por aí matando, morrendo e mutilando por amor. O que leva outros a isso? — pergunta o psicanalista Marco Antônio Figueiredo. E dá a resposta. *Continua na página 3*

As imagens do inconsciente na TV

A TV Pinel, feita por pacientes, revoluciona o tratamento psiquiátrico

Zeca Fonseca

PACIENTES COM DISTÚRBIOS psiquiátricos exercitam a criatividade no trabalho na TV Pinel. Segundo os médicos, o tratamento vai acabar com o preconceito em torno da loucura no Brasil

Antônio Marinho

Cena número 1: em close na TV, o louco resolve dizer uma piada. "Sabe o que tem embaixo do tapete do Hospital Pinel? Pois é... Tem muito louco varrido!" E cai na gargalhada... Na cena número 2, outro louco resolve dar um depoimento: — Eu estava numa fase boa e me sentindo bem. Cheguei em casa cedo e minha mãe me perguntou porque eu tinha chegado tarde. Não respondi. Então, ela me convidou para ir ao hospital. Como sou obediente, fui. Aí, o médico me perguntou: "O senhor tem ouvido vozes?". E eu respondi: "Só a sua doutor!!!" E foi assim que eu nunca mais saí do Pinel!

Engana-se quem pensa que as duas cenas são esquetes do programa humorístico "Casseta e Planeta Urgente". Nada disto. Esta é a TV Pinel, uma emissora comunitária, produzida por pacientes e funcionários do Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel, parte de um programa revolucionário de tratamento de pacientes ambulatoriais da instituição. Os programas da TV Pinel são os mais variados: há entrevistas na rua, telejornais, videoclipes musicais, reportagens dentro do hospital, seriados como "A tragédia da vida privada", um informe chamado "Freud não explica" e até mininovelas. Numa destas novelas, todas as personagens femininas são atacadas por vampiros; noutra, com o título "A reviravolta do doutor Fritz", um médico entra em delírio ao examinar uma paciente. São 45 minutos de loucuras no ar, com sons e imagens produzidas com a assessoria técnica do Centro de Criação de Imagem Popular (Cecipe) e da TV Maxambomba, emissora comunitária da Baixada Fluminense. O sucesso é tanto que a TV Pinel acaba de entrar no "Canal saúde", programa transmitido via satélite pela TV Educativa e via cabo pela NET. Psicólogos e psiquiatras garantem que o trabalho televisivo exercita a criatividade e melhora a auto-estima do paciente.

— Este é um programa que pretende acabar com os preconceitos que cercam a loucura no Brasil e mostra que muito dos que são considerados loucos podem participar da sociedade e conviver normalmente com suas famílias. É mais que um tramento psiquiátrico: este é o começo de um movimento que quer resgatar a cidadania daqueles que têm distúrbios psiquiátricos — diz o psiquiatra Jorge Alberto Costa e Silva, diretor da Divisão de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde.

Num país onde a prática de eletrochoque e lobotomia foi comum até os anos 40, a TV Pinel vem na contramão da história. Ela é o resultado do sucesso de correntes psiquiátricas que, nos anos 90, acreditam nas terapias comportamentais. Segundo dados da Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde do Rio, cerca de 4.500 pacientes vivem em hospitais e clínicas psiquiátricas (1.012 no Complexo Juliano Moreira) e pelo menos 20% poderiam ser atendidos em centros de atenção psicossocial (os chamados hospitais-dia, onde o paciente passa o dia participando de atividades orientadas e depois voltam para a casa). E muitos poderiam conviver com familiares, em casa. Os especialistas do Pinel seguem a trilha da psiquiatra Nise da Silveira, de 91 anos, fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente, pioneira no tratamento psiquiátrico comportamental, diretora da Casa das Palmeiras, que está completando 40 anos.

— A TV Pinel permite aos usuários dos serviços de saúde mental reconstruir sua auto-imagem — diz a psicóloga Doralice Araújo, da TV Pinel.

A paciente Maritza Vieira de Souza, uma das roteiristas da TV Pinel, concorda. E acrescenta:

— Loucura é fantasiar. Quando criança fantasiamos o tempo todo. Isto quer dizer que todos nós nascemos loucos!

Para Costa e Silva, o tratamento de distúrbios mentais não deve mais se concentrar nos hospitais psiquiátricos.

— As terapias que facilitam a integração do paciente psiquiátrico com a sociedade são as ideais. A TV Pinel é uma forma de resgatar os meios de expressão dos pacientes — diz.

Segundo dados do Ministério da Saúde, até o ano passado havia 124 núcleos e centros de atenção psicossocial e 44 hospitais-dia no Brasil. No Rio, há dois: o Pinel, em Botafogo, que atende 75 pacientes por dia, e o Rubens Corrêa, em Irajá, que tem 104 pacientes-dia, de psicóticos a neuróticos graves.

O psiquiatra Hugo Fagundes, gerente da Coordenação de Saúde Mental do Município, condena o modelo manicomial.

— A saída é buscar alternativas ao modelo de exclusão ou asilo. Precisamos deixar de ter instituições de tutela e passar a instituições de cuidados — diz Fagundes.

Elaine Savi, psicóloga e coordenadora do Núcleo de Atenção Psicossocial do Instituto Philippe Pinel, acha que os novos tratamentos amenizam o sofrimento causados pelos distúrbios psiquiátricos.

— Os pacientes já criaram uma cooperativa de pipocas e estão criando outra, a de castanhas. Além disto, apresentam trabalhos manuais em feiras de artesanato. O importante é descobrir o que cada um pode fazer — comenta Elaine. *Continua na página 2*

OMS recomenda o fim de manicômios

Os especialistas defendem a criação de novos núcleos de atenção psicossocial

Continuação da página 1

A TV Pinel é apenas uma das propostas para um melhor atendimento a pacientes com distúrbios psiquiátricos. Além da criação de núcleos de atenção psicossocial e do fim dos manicômios, como está previsto no projeto de lei do deputado Paulo Delgado (PT-MG), a OMS recomenda a construção de lares abrigados, instituições que devem funcionar fora dos hospitais e onde podem morar ex-internos com capacidade de gerenciar seu cotidiano.

— A assistência psiquiátrica deve contar com apoio dos parentes do paciente e de toda a sociedade — afirma o psiquiatra Costa e Silva, da OMS.

Distúrbios não prejudicam a capacidade de criação

Na opinião do psiquiatra Fernando Ramos, vice-diretor do Instituto Philippe Pinel, quando há necessidade de internação de um paciente, este período deve ser o menor possível. No Cais (Núcleo de Atenção Psicossocial), os usuários recebem atendimento individualizado. E o paciente pode receber visita domiciliar.

— Deve-se tentar sempre a reintegração na comunidade, através da realização de atividades como a TV Pinel — diz.

A psicóloga Doralice acrescenta que a TV Pinel não significa uma nova forma de terapia, mas o trabalho aumenta o grau de satisfação do paciente.

— Os distúrbios não são um estado permanente e o trabalho traz possibilidades. Quatro pacientes fizeram curso de vídeo, já foram contratados como funcionários do núcleo e realizam várias atividades na TV — conta.

Maycom Santos, de 31 anos, usuário do Cais e funcionário da TV Pinel, diz que ser repórter é uma ótima experiência.

— Estamos ajudando a acabar com o preconceito contra os pacientes do Hospital Pinel.

Crianças psicóticas recebem atendimento especial

Também as crianças se beneficiam das novas propostas para atendimento a pacientes psiquiátricos. No Instituto Philippe Pinel funciona, em regime de hospital-dia, o Naicap (Núcleo de Assistência Intensiva à Criança Autista e Psicótica) que atende 55 crianças, a partir de 2 anos. Elas são avaliadas e acompanhadas por psicanalista, psicóloga, psicomotricista, fonoaudióloga, recreadora, psiquiatra, pedagoga e auxiliar de enfermagem.

— A maioria passou por vários serviços sem receber assistência adequada. Nós nos preocupamos com a singularidade de cada criança. Ela não deve ser examinada só sob o aspecto biológico — diz a psicanalista Kátia Alvares, coordenadora do Naicap.

Para a psicomotricista Kátia Curci, é possível integrar crianças autistas e psicóticas:

—Seis crianças do núcleo estudam numa escola regular, numa classe especial — conta. ■

Terapias ocupacionais revelam o talento artístico de pacientes psiquiátricos

GLOBO ON http://www.oglobo.com.br